

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA –
CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL: Programa: “Factos dramáticos
para tempos dramáticos...”
21 de Outubro de 2023

Duração total projecção: 59 minutos.
Sessão apresentada por Tanya Golman e Tom Hurwitz

PIE IN THE SKY / 1934

Um filme de Elia Kazan, Ralph Steiner, Irving Lerner, Russell Collins, Molly Day Thatcher,
Elman Koolish

De: Elia “Gadget” Kazan, Ralph Steiner, Irving Lerner, Russell Collins, Molly Day Thatcher,
Elman Koolish (Nykino) / Títulos: Robert Forsythe / Fotografia: Ralph Steiner

Produção: NYKino (N.Y.) / Cópia: MOMA, em DCP, preto e branco, muda com intertítulos
em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 22 minutos / Primeira exibição
na Cinemateca.

MILLIONS OF US. A STORY OF TODAY / 1934

Um filme de Tina Taylor e Slavko Vorkapich (“Jack Smith”)

Realização e Montagem: Tina Taylor e Slavko Vorkapich (creditado como “Jack Smith”) /
Argumento: Gail West / Direção de Fotografia: Mark (tal como creditado) / Assistência de
Realização: George Buck / Interpretações: Bud Mac Jaggart (Desempregado), Glen Neuffer
(Grevista), Wesley Ferguson (Sindicalista) /

Cópia: DCP, a preto-e-branco, falada em inglês, com legendagem electrónica em português /
Duração: 17 minutos / Estreia Mundial: 1936, Estados Unidos / Inédito comercialmente em
Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

PEOPLE OF THE CUMBERLAND / 1937

Um filme de Elia Kazan

Realização e Argumento: Elia Kazan / Direcção de Fotografia: Ralph Steiner / Música: Alex
North / Comentário em "off" escrito por Erskine Caldwell / Interpretação: actores não
profissionais.

Produção: Frontier Films / Cópia em 16mm, preto e branco, versão original falada em inglês e
com legendagem electrónica em português / Duração: 20 minutos / Inédito comercialmente
em Portugal.

Assinado por Elia Kazan, e por vários dos seus companheiros do mítico Group Theatre, **Pie in the Sky** é, sem qualquer dúvida, um filme colectivo, mas em cuja realização Kazan e Ralph Steiner têm um papel preponderante. Ao contrário dos restantes intervenientes no filme, Steiner, que é frequentemente creditado como o único autor desta curta-metragem, não pertencia ao grupo teatral, mas era um fotógrafo e cineasta que dele se aproximava em termos ideológicos. Pioneiro do documentarismo americano, tinha já realizado vários outros filmes entre os quais o muito experimental **H2O** (1929), ou **Cafe Universal** (1934), em que Kazan se estreará no cinema como actor. Kazan, que nesse período se dedicava sobretudo à actividade teatral, e que é um dos dois protagonistas desta pequena “comédia” iconoclasta, terá em **Pie in the Sky** a sua primeira experiência na realização, embora **The People of the Cumberland** (1937) seja frequentemente apontado como o seu primeiro filme. **Pie in the Sky** relata a odisseia de duas vítimas da pobreza, associada à situação política e social vivida nos EUA em meados da década de 30. Elia Kazan e Elman Koolish interpretam tais personagens, que se dirigem a uma igreja em busca de comida. Depois de um longo discurso proferido pelo sacerdote de serviço, é lhes recusada a ambicionada fatia de tarte, partindo apenas com a malfadada certeza “The Lord will provide”. Com fome, deambulam por uma lixeira de Brooklyn à procura de uma refeição. Os velhos objectos que encontram, já desprovidos do seu uso, servirão de adereços para a representação de um conjunto de quadros burlescos, mote para a denúncia da fome e da crise que avassalava os Estados Unidos, bem como da frieza e de toda a burocracia inerentes à igreja e à assistência social americana.

Numa famosa entrevista a Michel Ciment, Kazan referiu-se às suas primeiras peças como trabalhos na fronteira entre o drama e a comédia, que representam já uma ambivalência interior que viria a ser uma constante em toda a sua obra e a profunda influência que sobre ele exerceu o teatro soviético. Características essas que encontramos também em **Pie in the Sky**, onde as noções do trágico, mas também do ridículo e do cómico, são muito acentuadas. “A mistura entre a farsa e o drama é típica do primeiro Eisenstein, de Brecht. O humor serve a preservar nas coisas a sua verdade fria, a sua justa medida. Eu idolatrava os soviéticos (...) nós adorávamos o seu teatro: Meyerhold, Vakhtangov, Stanilavsky. Nós imitávamos os seus métodos.”, afirmará Kazan. Mas como escreve Joel Zucker, num artigo da revista *Positif* sobre **Pie in the Sky** “Historicamente, **Pie in the Sky**, não foi apenas um dos primeiros filmes a utilizar a metodologia do Group Theatre, ele permanece também um dos raros filmes ainda existentes produzidos nos anos 30 pelo movimento revolucionário americano de cinema. Este movimento reagia contra as injustiças sociais da sua época utilizando o cinema como instrumento de propaganda para fornecer uma representação artística dos problemas associados à depressão. E isto devemos a Steiner, a Kazan, e aos outros membros do Nykino.”

É por todos os motivos impossível dissociar este filme de outras actividades do Group Theatre ou do Nykino, o colectivo directamente responsável por ele, de um forte activismo político de esquerda que, na década de 30, florescia nos meios artísticos americanos (e neste caso nova iorquinos), muitas vezes com ligações explícitas ao partido comunista. Muitos foram os filmes produzidos pelo Nykino destinados à projecção em greves ou reuniões laborais (a maior parte dos quais hoje desaparecidos), e muitos foram também documentários sociais filmados por membros de associações como a Film and Photo League ou pela Frontier Films (que nascerá pouco depois da própria Nykino), que retratavam directamente a trágica realidade social, como a expressa pelos filmes que registam as marchas contra o desemprego e contra a fome de 1931 e 1932. O próprio Kazan irá realizar o seu filme seguinte – **People of Cumberland** – já com a Frontier Films, entregando novamente a fotografia a Ralph Steiner. Longe de Hollywood, e de muito do cinema que posteriormente Kazan, mas também Steiner, viriam a realizar, esta é assim uma experiência manifestamente revolucionária que, ao contrário de muitos dos filmes mais politizados da altura, apresenta a particularidade de cruzar a realidade de então com a ficção, assumindo-se explicitamente como uma sátira à ortodoxia religiosa, mas também a todas as ortodoxias, cujo resultado é uma farsa impregnada com muito humor.

Joana Ascensão

Num texto escrito em 1935 por Leo Hurwitz e Ralph Steiner, intitulado «A New Approach to Filmmaking», os realizadores notaram como “nos nossos filmes documentais, baseámo-nos na ideia de que a realidade fotografada continha o seu próprio punch dramático (...). Não nos tínhamos apercebido antes de que mesmo num filme documental é necessário usar meios do cinema para afetar o auditório – suspense, construção, linhas dramáticas, etc.” Se por exemplo em **Footnote to Fact** (1933), de Lewis Jacobs, esta dramaticidade é potenciada pela pequena história (enfim, trágica) da mulher que baloiça até ao derradeiro fôlego, no filme **Millions of Us. A Story of Today** são as imagens claramente captadas nas ruas da Califórnia, sem encenação, “o rodapé” de toda a narrativa visual, havendo, devidamente identificado, um elenco de atores e um arco narrativo quase clássico que conta a história de um operário no desemprego, faminto e sem-abrigo, que, enquanto calcorreia as ruas (as mesmas empastadas pela pobreza que o filme de Lewis Jacobs havia posto em evidência), vai acalentando a esperança de que ainda há saída para a sua vida ou fantasiando, em sonhos, com um tempo ido em que gozava de alguma prosperidade (a sequência que abre esta história é elucidativa quanto à importância do dispositivo ficcional aqui). **Millions of Us. A Story of Today** foi realizado no âmbito do coletivo American Labor Films Inc., um grupo ideologicamente de esquerda, composto por técnicos, atores e realizadores de Hollywood, e coordenado por Slavko Vorkapich, um “pintor [de origem sérvia] com um intenso desejo de fazer filmes poéticos”, de acordo com Lewis Jacobs no artigo «Experimental Cinema in America», publicado em *The Rise of the American Film: A Critical History* (saído originalmente na *Hollywood Quarterly*, Inverno de 1947-1948). Além de um académico e montador de excelência, Vorkapich (aqui debaixo de pseudónimo, Jack Smith) ficou conhecido por ter corealizado com Robert Florey uma sátira muda, inspirada em **Das Cabinet des Dr. Caligari** (1920), acerca do sistema de Hollywood: **The Life and Death of 9413: A Hollywood Extra** (1928). **Millions of Us. A Story of Today** é um filme que antecipa muito do que foi experimentado e refinado no polo americano do documentário durante os anos 30, fazendo da história do homem comum, seguramente partilhada por muitos espectadores à época (estimam-se que cerca de 16 milhões de almas foram atiradas para o desemprego), uma *via crucis* à laia, por exemplo, de um futuro documentário ficcional, enformado pela mesma errância solitária de um homem que vai até aonde a calçada termina em termos de dignidade humana – falo da obra-prima **On the Bowery** (1956) de Lionel Rogosin.

Um “forgotten man”, interpretado por Bud Mac Jaggart, domina a sua própria fome, “engole” o sofrimento e a ansiedade que tão verdadeiramente sente em relação a um sem-futuro que se oferece a cada esquina (“No Help Wanted”, lê-se num letreiro colocado na porta traseira de um armazém, mais uma onde o protagonista foi “bater com o nariz”). Enfim, ele “domina-se” para integrar um sindicato e juntar-se às manifestações de rua que apelam à unidade e solidariedade entre trabalhadores, os mesmos que, de cinto apertado, lutam por mais e melhores empregos e por uma economia justa e equitativa. A motivação desta obra é política e a sua influência cinematográfica é, acima de tudo, soviética, como demonstram os minutos finais, com a multidão de manifestantes filmada num contrapicado tipicamente construtivista e no qual o rosto desse homem anónimo se eleva, sobreimpresso, como que dando identidade a um caso entre tantos outros... A motivação é essa – e pontualmente soará a mera peça de propaganda – mas é impossível ficar-se indiferente ao virtuosismo do gesto de colher uma ficção assim, tão inteira e interpelante, onde a realidade borbulha, de maneira decerto confusa e intempestiva, pelo menos à época. Esta “ordem da ficção” é qualquer coisa que cineastas de coletividades como esta, mas também outras, mais conhecidas, que ajudaram a edificar o movimento do documentário americano, tais como a Film and Photo League, a NYkino e a Frontier Films, aprenderam a dominar com o passar dos tempos (os exemplos mais acabados

desta dramaturgia do real são filmes como **Redes** [1936], **World Today: Black Legion** [1937] e **Native Land** [1942]). Diga-se que esta “ordem da ficção”, como aliás notou Lewis Jacobs nos seus escritos, parte de uma certa sofisticação do género primordial do cinema documental: as newsreels, tal como tipificadas pela Pathé.

Luís Mendonça

People of the Cumberland foi o segundo trabalho realizado por Elia Kazan para o cinema, depois de, em 1934, ter sido actor numa curta-metragem de Ralph Steiner intitulada **Pie in the Sky**. Representa, portanto, um dos primeiros contactos de Kazan com a arte que o viria a consagrar mundialmente, apesar de nunca se ter desligado por completo da sua primeira e grande paixão, o teatro. Na sua carreira os anos trinta são ainda um período marcado por uma intensa actividade teatral, primeiro como actor, depois como encenador. Actividades que desenvolveu no célebre Group Theatre e posteriormente em pequenas companhias teatrais, muitas vezes organizações amadoras dependentes de associações sindicais. Inseparável desta actividade era também o envolvimento político de Kazan. Os anos trinta americanos, sob os auspícios do "New Deal" rooseveltiano, são um período de florescimento de associações culturais e artísticas de inspiração esquerdista – e era nesses círculos que Kazan (que entre 1934 e 1936 operou a sua célebre passagem pelo Partido Comunista) se movimentava.

A chegada de Kazan ao cinema faz-se sob essa égide. Ralph Steiner, com quem Kazan colaborara no já referido **Pie in the Sky**, fazia parte de uma pequena companhia independente especializada na produção de documentários denominada Frontier Films. Para além de Steiner, trabalhavam na Frontier Films nomes tão célebres e tão importantes como Paul Strand, Leo Hurwitz, Jay Leyda, Willard Van Dyke, Herbert Kline, Sidney Meyers, Lewis Jacobs e Oscar Serlin. A eles juntou-se Kazan em 1936, o ano da eleição presidencial de Roosevelt – o que talvez não seja um mero acaso, pois a Frontier Films viria a dedicar-se com especial esmero à defesa e à propaganda das suas políticas sócio-económicas. Nas palavras de Paul Strand, "a Frontier Films era uma cooperativa que o governo isentara de impostos, (...) e que produzia curtas-metragens sobre assuntos que preocupavam os americanos, (...) avisando-os dos perigos representados pelo crescimento do fascismo de Hitler e de Mussolini". Mas os temas internos também lhe interessavam e, muitas vezes por encomenda de agências governamentais, a Frontier Films produziria filmes célebres como por exemplo os documentários de Pare Lorentz **The Plough That Broke the Plains** e **The River**.

É neste contexto que surge esta experiência de Elia Kazan na realização. **People of the Cumberland** é um olhar sobre uma das regiões mais miseráveis do Tennessee, sobre as condições de vida dos seus habitantes e sobre as actividades do Estado em favor da melhoria dessas condições. Se, como seria de esperar num documentário (mesmo que ligeiramente romanceado), não encontramos aqui o talento dramaturgico que faria o êxito de Kazan, o mínimo que se pode dizer é que esta é já uma obra perfeitamente controlada, sóbria e despojada – no que é acompanhada exemplarmente pelo comentário de Erskine Caldwell, oscilando de forma equilibrada entre o lirismo e o realismo. Kazan tem o senso necessário para fugir ao mero panfleto, e o seu filme revela uma preocupação essencial com a captação do espírito do lugar e com a caracterização dos seus habitantes – o olhar destes, sobretudo quando captado em grandes planos, revela uma mescla de dureza e vulnerabilidade acompanhada de uma dignidade "telúrica" que processa (ou que figura) da melhor maneira a fusão entre os homens e a terra. A este tema (e a esta região, ao Tennessee) voltaria Kazan mais de vinte anos depois, em **Wild River**, desenvolvendo em contornos ficcionais muitas das coisas que aqui ensaiou.

Luís Miguel Oliveira